

ANIMA E FUROR

Operando na mediação entre a consciência e o mundo, a linguagem intervém como um universo de construção de sentidos e expressão do pensamento. Ao mesmo tempo que a opacidade da língua apresenta-se como um desafio para espelhar de forma cristalina o mundo, essa mesma característica é também a vocação mais fértil dos vocábulos: as palavras permitem a constante expansão de seus sentidos, tanto pela fricção de seus significados quanto pela soma ou repulsa de suas acepções. Encarar a língua como uma entidade viva talvez seja uma das abstrações mais fascinantes da cultura: pela tradução, pelas migrações e trânsitos, ou puramente pela evolução natural dos signos a partir do seu exercício, há sempre uma intimidade essencial entre os indivíduos e as palavras.

Ferreira Gullar — exímio ao lapidar imagens através do vigor e do rigor das palavras — sugere: “Uma parte de mim é só vertigem; outra parte, linguagem”. Conjuguar esses três conceitos aparentemente díspares — o Ser, a vertigem e a língua — é uma das possíveis provocações para adentrar *Anima e Furor*, uma exposição que oscila entre as afinidades e os contrastes evocados por tais termos.

Com origem no Latim, a palavra *anima* remete à imagem de sopro, ar ou brisa, assumindo ao longo do tempo os conceitos de princípio vital ou alma — este último, altamente combatido pelo misticismo e pela religiosidade. Recorrente na poesia, a expressão ganhou novos semblantes através da psicologia analítica de Carl Jung: *anima* é empregado como um dos componentes da psique ligado ao inconsciente coletivo, uma das estruturas que representam a característica contrassexual de cada indivíduo. Se *anima* nos transmite uma aura de placidez, o emprego de *furor*, por sua vez, evoca estados de grande excitação, frenesi e inspiração. É um impulso incontrolável, igualmente impetuoso e inconsequente: percebemos aqui uma vibração intensa, ora apontando à fúria, ora acercando-se da paixão desmedida.

A exposição *Anima e Furor* reúne obras inéditas de Bruno Borne, Elias Maroso, Karola Braga e o duo Ío (Laura Cattani e Munir Klamt), cinco artistas presentes na Bienal do Mercosul de 2022 — não é coincidência que o tema dessa mostra seja *Trauma, sonho e fuga*, remetendo a fenômenos que se manifestam no inconsciente. Sem buscar limitações ou similitudes entre as obras, o conjunto de trabalhos expande e aprofunda as pesquisas individuais de cada artista, entrelaçando a centralidade do indivíduo a sistemas simbólicos que trazem ecos da mitologia e da ótica, perpassando a percepção sensorial e espacial.

Transpor qualquer discurso em gesto artístico assume ritmos e tons imprevisíveis: Jung via o processo da *anima* como uma das fontes da potência criativa, aliada à sensibilidade e ao inconsciente. Em uma aproximação semântica e sintática, *furor* é também o sintoma de certos delírios, evocando a agitação violenta dos ânimos — manifestada por palavras, ações ou intenções.

Henrique Menezes
curador